



Apoio e reflexões
pedagógicas

CULTIVAR FUTUROS COM VISÃO SISTÊMICA:

REFLEXÕES SOBRE O ENSINO BILÍNGUE
EM CURRÍCULOS INTEGRADOS



sm

CULTIVAR FUTUROS COM VISÃO SISTÊMICA: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO BILÍNGUE EM CURRÍCULOS INTEGRADOS

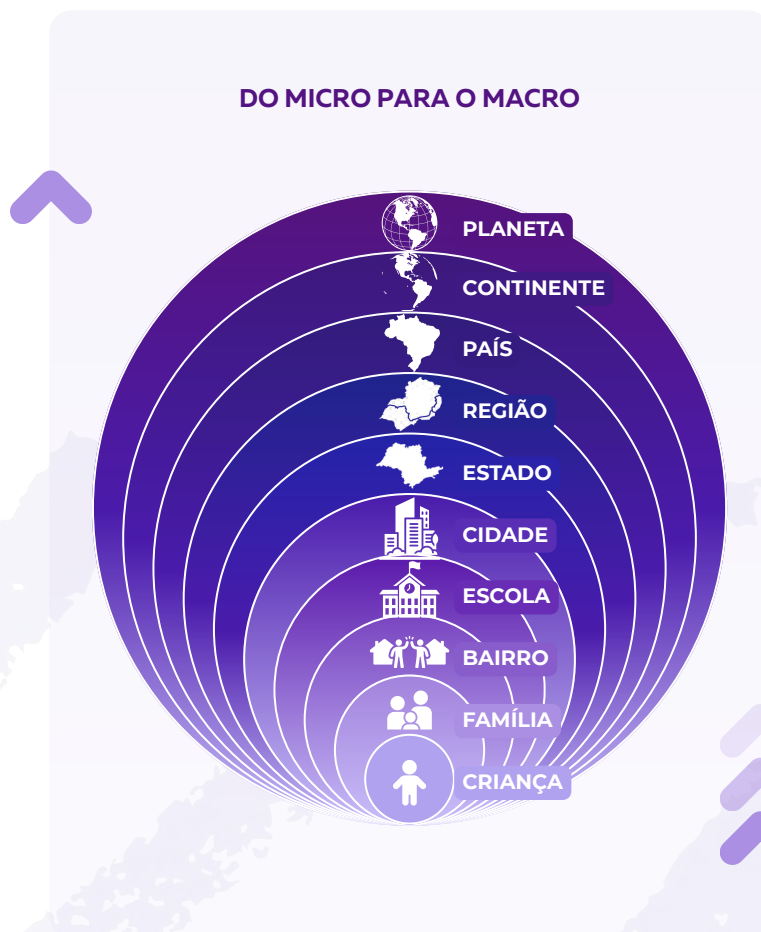
Por Adriana Feitosa

“A Terra é um todo indivisível, exatamente da mesma forma que cada um de nós é um todo indivisível. A natureza (e isso inclui todos nós) não é feita de partes dentro de um todo. Ela é feita de todos dentro de todos. Todas as fronteiras, inclusive as nacionais, são fundamentalmente arbitrárias. Nós as inventamos, e depois, ironicamente, vemo-nos presos dentro delas.” (Peter Senge, em *A quinta disciplina*, p.603 - e-book)

Semeando a reflexão

Na era da comunicação em tempo real, da inteligência artificial, da queda simbólica das barreiras geográficas que delimitam países, povos e pessoas, parece anacrônico pensar a língua inglesa como um componente curricular isolado, uma habilidade a adquirir e performar individualmente ou como uma mera ferramenta de *status* ou de sobrevivência no presente ou no futuro.

No século XX, o ensino da língua inglesa foi território de metodologias tradicionais que privilegiavam o aspecto técnico e buscavam instrumentalizar o estudante no acúmulo e memorização de vocabulário, gramática e pronúncia de forma isolada para, ao longo dos anos de estudo, culminar na capacidade de ler, escrever, ouvir e falar em inglês. Essa visão dialoga muito com a lógica cartesiana de dividir problemas complexos em partes menores para, então, compreendê-los integralmente. Fazia sentido, considerando que muitos iniciavam seus estudos já adultos, e tinham uma expectativa de aprendizado conectada ao ensino clássico. Dialoga também com a forma como a criança acessava o mundo: gradualmente, por fases, em que a cada passo de sua jornada ela se movimentava mais, a partir do mundo interior e familiar, em direção ao mundo exterior, ao longo dos anos, até se tornar um ser social. Esse movimento era perceptível no campo das vivências sociais infantis e também, de forma geral, no contato escolar com os conteúdos primeiro locais, então regionais, depois nacionais e continentais e, por último, globais; do micro para o macro.



Movimento gradual da criança: do mundo interior ao mundo global



CULTIVAR FUTUROS COM VISÃO SISTÊMICA: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO BILÍNGUE EM CURRÍCULOS INTEGRADOS

No final do século XX, no âmbito da ciência educacional, estudos como a **Hipótese do Filtro Afetivo** de Stephen Krashen, a **Teoria das Inteligências Múltiplas** de Howard Gardner, o conceito de **Zona de Desenvolvimento Proximal** de Lev Vygotski, entre outros, jogaram luz sobre o papel da dimensão emocional no aprendizado, a diversidade de perfis dos estudantes como aprendizes, e os mecanismos de potencialização dos processos e resultados na aquisição de conhecimento.

Os enfoques comunicativos, então, **ganham lugar nas classes de segundas línguas**, passando a reconhecer o estudante como sujeito discursivo, colegas como interlocutores e pares sociais, professores como mediadores do conhecimento, o idioma como objeto e meio de aprendizagem, a classe como ambiente de interação, recursos e metodologias como ferramentas, outros componentes curriculares como áreas de diálogo e contexto, outros povos como fonte de formação cultural e cidadã, todo tipo de metodologia como um componente possível para a personalização e a evolução do estudante, do estudo e da aprendizagem.



Desde o início do século XXI, os estudos da neurociência vêm aprofundando e projetando conhecimento sobre o cérebro e seu funcionamento, a **plasticidade cerebral** e os **mecanismos de cognição**, e mostrando como a aprendizagem de novos idiomas é benéfica para as funções executivas, para a flexibilidade cognitiva e para o desenvolvimento intrapessoal e social.

Hoje, a tecnologia na palma da mão atravessa qualquer tentativa de graduar, segmentar ou conter o acesso ao conhecimento e o exercício da cidadania

O estudante, desde muito jovem e cada vez mais jovem, está exposto a diferentes códigos e linguagens multimodais – como a língua inglesa e outros idiomas, a computação, as artes – em suas diversões mais cotidianas, como os *videogames*, conteúdos audiovisuais e interações sociais; ao mesmo tempo, esse estudante se vê impactado por temas complexos, como o incentivo ao consumo, influência cultural, questões ambientais, diversidade humana e desigualdade social.

As línguas passam a ser entendidas e vividas mais do que como ferramentas comunicativas usadas concretamente em situações de deslocamento geográfico, como passeios turísticos; elas são veículos fundamentais para que qualquer jovem se movimente no mundo **VUCA-BANI-TUNA-RUPT** regido por algoritmos em que está inserido como cidadão, eleitor, consumidor, influenciador, criador.

GLOSSÁRIO

Termos utilizados para descrever os desafios do cenário global em diferentes momentos (em ordem cronológica de surgimento, a partir de 1990)

- ▶ **BANI**: acrônimo do inglês (*brittle, anxious, non-linear, incomprehensible*) para frágil, ansioso, não linear e incompreensível.
- ▶ **VUCA**: acrônimo do inglês (*volatility, uncertainty, complexity, ambiguity*) para volátil, incerto, complexo e ambíguo.
- ▶ **TUNA**: acrônimo do inglês (*turbulent, uncertain, novel, ambiguous*) para turbulento, incerto, novo e ambíguo.
- ▶ **RUPT**: acrônimo do inglês (*rapid, unpredictable, paradoxical, tangled*) para rápido, imprevisível, paradoxal e emaranhado.

Adaptado de World Vuca. Disponível em: <https://www.vuca-world.org/vuca-bani-rupt-tuna/>. Acesso em: 21 mar. 2026.



CULTIVAR FUTUROS COM VISÃO SISTÊMICA: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO BILÍNGUE EM CURRÍCULOS INTEGRADOS

Desenvolver os novos adultos diante de um cenário futuro não antecipável leva famílias e escolas a preparar os jovens estudantes para uma gama de futuros possíveis, em que o aprendizado do inglês se configura como uma escolha acertada quando se pensa em adultos com alto poder comunicativo, crítico e cidadão.



À luz da BNCC,
o ensino-aprendizagem do
inglês tem **papel essencial**
no campo de Linguagens,

pois contribui para o enriquecimento do repertório global do estudante, ao promover o **domínio de uma ferramenta de comunicação, criticidade e cidadania global**, que impacta todos os demais saberes; ao mesmo tempo, a BNCC adquire, junto com outras abordagens e metodologias frutíferas no ensino bilíngue (como CLIL, metodologias ativas, ensino híbrido, cultura digital) um papel norteador nas práticas escolares de ensino da língua inglesa.

O resultado de toda essa mobilização é o **deslocamento das aulas de inglês** do campo **da exposição** para o campo **das vivências** e a **comunicação** do campo da **performance** para o campo da **construção de significados**.

Sinal verde para a educação bilíngue

A educação é terreno fértil para o emprego metafórico de palavras da área da Botânica que bem expressam seus processos. Isso porque ensinar/aprender é processo vivo, dinâmico, cíclico, conectado. A escola é um organismo complexo, território de interações constantes e impactado por diversos fatores desse ecossistema.

O curta-metragem *The windmill farmer*, de Joaquín Baldwin, nos conta a história de um fazendeiro, apaixonado por seu ofício, que vê a plantação de moinhos de vento (a que tanto se dedicou) em risco pela ação de forças da natureza.



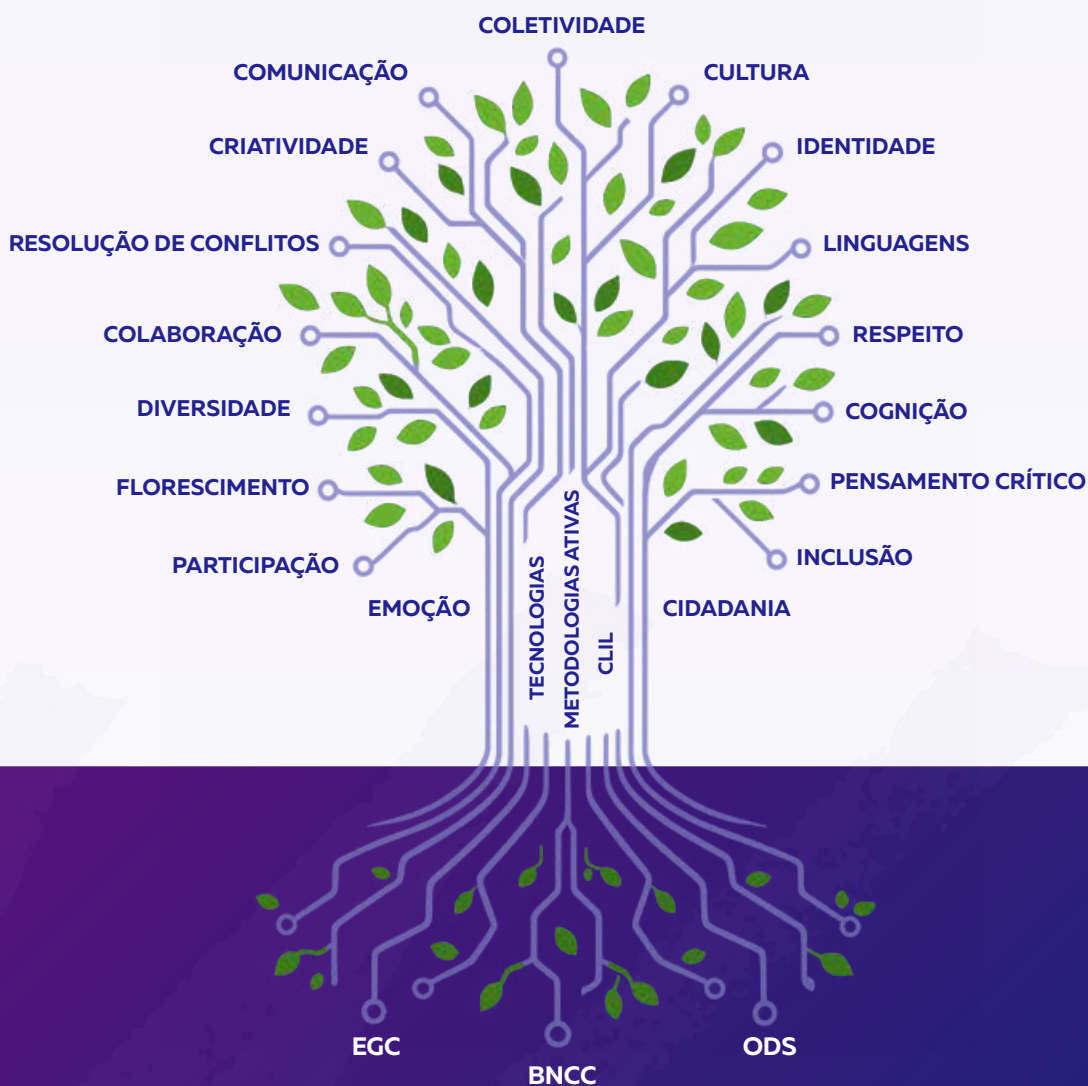
Joaquín Baldwin. *The windmill farmer*. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=Ond9OuX7Bd4>. Acesso em: 21 mar. 2026.



CULTIVAR FUTUROS COM VISÃO SISTÊMICA: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO BILÍNGUE EM CURRÍCULOS INTEGRADOS

Gosto de pensar nessa narrativa como uma metáfora da educação e do próprio ensino da língua inglesa: educadores são as pessoas que semeiam e cultivam o solo com diretrizes e objetivos educacionais, o regam com teorias e metodologias, o adubam com planejamento, recursos e estratégias de ensino, para que a aprendizagem espalhe raízes, brote, cresça, ramifique, floresça, frutifique, se multiplique, alimente, atraia e sustente vida. Mas para além dos aspectos organizados dessa relação, também enfrentam as forças da natureza – alterações de temperatura, umidade, luminosidade, intempéries, faltas e excessos que podem comprometer ou enriquecer o cultivo.

A partir de agora, convido você a se embrenhar nessa analogia, ao mesmo tempo em que conectamos conceitos, repensamos práticas, reconhecemos árvores e enxergamos a floresta.





CULTIVAR FUTUROS COM VISÃO SISTÊMICA: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO BILÍNGUE EM CURRÍCULOS INTEGRADOS

Solo fértil, raízes fortes

Por algumas décadas, era comum que o ensino de inglês a estudantes da educação básica se desse em contextos apartados dos demais componentes curriculares: o contraturno, o curso extra, a escola de idiomas. Hoje, na esteira de novos estudos e abordagens no campo do ensino-aprendizagem de segundas línguas, do bilinguismo, de CLIL, das competências socioemocionais e da neurociência, o ensino de inglês se alinha à **BNCC**, com suas diretrizes e objetivos educacionais que regem a educação brasileira como um todo, com o objetivo de promover integração curricular e desenvolver competências e habilidades do estudante ao longo da vida escolar – e para além dela.

Com a **BNCC**, dialogam diretamente outros documentos que buscam indicar nortes possíveis para a educação no século 21, em nível global.

Os princípios da **ECG** partem de três dimensões conceituais básicas: cognitiva (aquisição de conhecimento, compreensão e pensamento crítico sobre a realidade e o mundo), socioemocional (sentimento de pertencer e se conectar a um coletivo diverso) e comportamental (atuação social ampla, efetiva e responsável pela paz e sustentabilidade).

Os **ODS** são uma agenda mundial estabelecida pela Organização das Nações Unidas em 2015, visando resultados até 2030, que consiste em 17 objetivos desdobrados em metas para reduzir a pobreza e as desigualdades, proteger o meio ambiente e garantir progresso global em temas como educação, igualdade, saúde, água e energia limpa.

O ensino não só arraigado nesses conceitos, mas também cultivado com os mesmos objetivos, **fortalece a base que sustenta a formação do cidadão global**

GLOSSÁRIO

- **BNCC:** Base Nacional Comum Curricular.
Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase>
- **ECG:** Educação para a cidadania global: tópicos e objetivos de aprendizagem.
Brasília: UNESCO, 2016. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000234311>
- **ODS:** Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.
Brasília: ONU, [s.d.]. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>

Acessos em: 21 mar. 2026.

Anéis de crescimento e recursos disponíveis

Ao longo de sua vida, uma árvore aumenta a circunferência de seu tronco por meio de novos anéis que contam sua história: registram sua idade, as condições climáticas e os recursos naturais que estiveram disponíveis para seu crescimento. Conste que não é necessário cortar uma árvore para estudar seus anéis. É possível retirar pequenas amostras do núcleo sem danificar a árvore e observar seus **padrões de desenvolvimento**.



CULTIVAR FUTUROS COM VISÃO SISTÊMICA: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO BILÍNGUE EM CURRÍCULOS INTEGRADOS

O desenvolvimento da aprendizagem também é fenômeno observável e impactado pelas condições ambientais e recursos pedagógicos disponíveis para sua potencialização. Nesta seção, elencamos metodologias, abordagens e estratégias que costumam ser aplicadas de forma produtiva no ensino bilíngue.

CLIL (Content and Language Integrated Learning) integra os **4 Cs (conteúdo, comunicação, cognição e cultura)** com contexto, ao propor o estudo da língua por meio de conteúdos, ao mesmo tempo em que promove a aprendizagem de conteúdos através da língua. Requer construção inter/transdisciplinar, ao facilitar a extensão de aprendizados por e entre os componentes curriculares e suas interrelações.

O termo **metodologias ativas** abarca uma série de escolhas pedagógicas focadas no aprendiz para promover engajamento, descoberta, interação, reflexão e aprendizado significativo e consciente. José Moran as define como *“grandes diretrizes que orientam os processos de ensino e aprendizagem e que se concretizam em estratégias, abordagens e técnicas concretas, específicas, diferenciadas, em contextos cada vez mais amplos, variados, flexíveis, interessantes e desafiadores”* e lista algumas dessas metodologias, que dispomos no quadro a seguir.



Aprendizagem por
tutoria/mentoria



Aprendizagem
personalizada



Aprendizagem
entre pares



Aprendizagem
invertida



Aprendizagem
baseada em projetos



Aprendizagem baseada
em investigação e em
problemas



Aprendizagem
baseada em
grupos/times



Rotações
por estações



Aprendizagem
baseada em narrativas,
jogos e maker



CULTIVAR FUTUROS COM VISÃO SISTÊMICA: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO BILÍNGUE EM CURRÍCULOS INTEGRADOS

Não é nosso foco detalhar cada uma delas e sim observar que, ao ser aplicadas em classe, essas metodologias estimulam os canais sensoriais, ou seja, as vias pelas quais o estudante percebe, conhece e interage com o mundo, e favorecem a mobilização da atenção, a criação de memórias e a efetivação da aprendizagem, valorizando a diversidade de perfis dos aprendizes e enriquecendo as dinâmicas escolares.

Telma Pantano, especialista em neurociências, ilustra o seguinte trajeto da aprendizagem e destaca a importância dos canais sensoriais – vias visuais, auditivas e motoras – na apreensão e na aprendizagem.



Telma Pantano e Cristiana Castanho de Almeida Rocca (Orgs.). Entradas sensoriais e aprendizagem. Como se estuda? Como se aprende? Um guia para pais, professores e alunos, considerando os princípios das neurociências. São José dos Campos: Pulso Editorial, 2015. pp. 51-80.

O educador de inglês, tradicionalmente, costuma contar com diversidade de recursos que podem favorecer a mobilização dos diferentes canais sensoriais, como livros, *realia* (objetos concretos, miniaturas, *puppets*), *cards*, *flashcards*, *story cards*, *posters*, áudios, canções, vídeos, jogos, entre outros, em seu suporte físico ou digital. O uso – plugado ou não – desses recursos em classe em tarefas comunicativas, projetos bilíngues e atividades multimídia dinamizam, mobilizam e potencializam a aprendizagem ativa do inglês. Vamos chamá-los de **tecnologia**. Esclareçamos, porém, que *tecnologia* não corresponde somente ao universo digital, já que o termo acompanha a humanidade desde suas primeiras ferramentas.

“**Tecnologia**, a aplicação do conhecimento científico aos objetivos práticos da vida humana – ou, como às vezes se diz, à mudança e manipulação do ambiente humano.

A palavra *tecnologia* é uma combinação do grego *technē*, que significa ‘arte, ofício’, e *logos*, que significa ‘palavra, discurso’. Ela surgiu pela primeira vez em inglês no século XVII e evoluiu através de vários significados até chegar ao seu sentido atual. [...]”.

Tecnologia. Disponível em: <https://www.britannica.com/technology/technology>. Acesso em: 21 mar. 2026.



CULTIVAR FUTUROS COM VISÃO SISTÊMICA: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO BILÍNGUE EM CURRÍCULOS INTEGRADOS

No entanto, ainda que as metodologias ativas se beneficiem da tecnologia (plugada ou não), não dependem dela. José Moran destaca o caráter ativo que toda aprendizagem tem, resultante da própria relação e interação de professores e estudantes no processo educativo.

“As pesquisas atuais de neurociência comprovam que **toda a aprendizagem é de alguma forma ativa**, porque exige do aprendiz e do docente formas diferentes de movimentação interna e externa, de motivação, seleção, interpretação, comparação, avaliação, aplicação. Todas as crianças querem aprender, mas precisam encontrar o que lhes apaixona, sensibiliza, emociona, desafia e surpreende.”

José Moran. *Por que as metodologias são importantes? Metodologias ativas de bolso: como os alunos podem aprender de forma ativa, simplificada e profunda*. São Paulo: Editora do Brasil, 2019. p. 12 (e-book)

Rubem Alves diz o mesmo, com mais poesia, em seu texto “Desejo e inteligência”, no fragmento reproduzido a seguir.

“[...] **O que dá às crianças desejo de aprender?** Primeiro, é a **curiosidade**. As crianças acham as coisas do mundo muito interessantes e querem saber por que elas são do jeito como são. Pra que serve isso? Pra nada. Apenas pelo prazer: matar a curiosidade. Depois elas querem aprender para **adquirir competências**. Ser capaz de fazer... A criança quer aprender a andar de bicicleta, a descascar laranja, a abrir a porta com a chave – para ter o delicioso sentimento: ‘Eu posso!’. É um **sentimento de poder**. E, por fim, elas querem aprender para brincar. Controlar a bola, armar quebra-cabeças, jogar damas... [...]”

Rubem Alves. *Ostra feliz não faz pérola*. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2014. p. 129.

O termo *crianças*, presente nos dois fragmentos anteriores, não deve, porém, restringir o tema das metodologias ativas aos estudantes de Educação Infantil ou Ensino Fundamental do 1º ao 5º anos que aprendem inglês; poderíamos trocar essa palavra nos dois textos por *aprendizes* e ainda assim estariam preservados os conceitos de interesse e curiosidade, anseio por mobilização emocional, gosto por aprender fazendo e desejo de entreter-se enquanto aprende.

A aplicação de metodologias, ferramentas e tecnologias, porém, requer estratégias, intenção, planejamento, redesenho de rota. As metodologias ativas são, antes de tudo, um repertório a ser planejado, construído, testado, diversificado, aperfeiçoado e adaptado ao contexto da escola, ao perfil do educador, aos objetivos de aprendizagem, ao nível escolar e à configuração das turmas, e ao perfil dos estudantes. A seguir, elencamos em tópicos alguns exemplos de recursos e atividades aplicáveis ao ensino bilíngue no contexto da educação básica.



CULTIVAR FUTUROS COM VISÃO SISTÊMICA: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO BILÍNGUE EM CURRÍCULOS INTEGRADOS

Atividades artísticas

Cantar, contar histórias, dançar, dramatizar, recitar, tocar um instrumento, criar um objeto de expressão artística

Brincadeiras

Simon says, I spy with my little eye, hopscotch, freeze tag, musical chairs, Sit down or stand up

Atividades discursivas

Show and tell, apresentação, pesquisa, quiz, entrevista, debate, mesa-redonda, roda de conversa, sessão de feedback

Atividades extra-classe

Ao ar livre, estudo de campo, espetáculo, excursão, exposição, visita

Atividades mão na massa

Desenhar, pintar, recortar, colar, dobrar, manipular, modelar, montar, construir

Confeção

De *cards, flashcards, dictionaries, visual dictionaries, posters*

Brincadeiras de faz de conta

Role-play, casinha, comidinha, panelinhas, escolinha, teatrinho, profissões, restaurante, supermercado, contos de fada, super-heróis

Estratégias de aprendizagem

Tomada de notas, *brainstorming*, resumo, resenha, mapa mental, correção entre pares, diário de experiências/sentimentos

Exploração do espaço escolar

Salas de aula, biblioteca, laboratório, auditório, quadra, ginásio, refeitório, cantina, ateliê, enfermaria, teatro, *playground*, jardim, horta, pomar, bosque

Desafios

Wordsearch, What is missing?, guessing game, charades, tongue twister, word chains, tic-tac-toe, snowman, escape room, running dictation, silent dictation, true or false, Break the code, Touch and guess, Spot the differences

Competições

Spelling bee, mime, gincanas, sports

Experimentos, observação e investigação

Em sala de aula, no laboratório, na biblioteca, na natureza, em casa, na internet

Atividades colaborativas

Em duplas, trios, quartetos, grupos

Experiências sensoriais

Caixa / tapete sensorial, adivinhação de sabores, exploração espacial, oficina de aromas, painel de texturas, brincadeiras com água, exploração na natureza

Interações com brinquedos

Livros-brinquedo, bonecos, pelúcias, bolas, veículos, *puppets*, dedoches, *paper toys*, *action figures*

Jogos

Jogos de montar / encaixar, *board game, memory game, treasure hunt, hot and cold, puzzles, bingo, Who am I?, hot potato, scattergories*

(Auto)Avaliação

Portfólios, rubricas, *scripts, journals and self-reflection workbooks, self-evaluation wheel, assessment graphic, scales, questionnaires, surveys*

Projetos

Interdisciplinares, ateliê de arte, clube do filme, clube de leitura, aula de culinária, intercâmbio de cartas, criação de vídeos e *podcasts*

Rotinas de pensamento

A lista é rica. **Veja mais aqui**

PZ Thinking Routines (PZ project zero). Cambridge: Harvard Graduate School of Education, [s.d.]. Disponível em: <https://pz.harvard.edu/thinking-routines>. Acessos em: 21 mar. 2026.



CULTIVAR FUTUROS COM VISÃO SISTÊMICA: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO BILÍNGUE EM CURRÍCULOS INTEGRADOS

Gerando flores e frutos

Solo fértil, sementes saudáveis, água e luz na medida e ferramentas e tecnologias de apoio ao crescimento nos levam à próxima fase. **Mas o que se espera que nasça, a partir do que se cultivou?**



Por décadas, a resposta a essa pergunta, quando aplicada ao ensino de inglês, levava a uma única resposta: **ler, escrever, ouvir e falar**

– as quatro habilidades linguísticas, tendo sido agregado o componente cultural ou sociocultural em dado momento. Sim: ainda hoje espera-se que o estudante tenha e utilize essas habilidades para se expressar em língua inglesa mas, mais do que isso, que tenha competências para se comunicar com pensamento crítico, atitude colaborativa, criativa e cidadã. **Espera-se que o ensino floresça.**

O relatório *“Rethinking learning: a review of social and emotional learning frameworks for education systems”*, produzido em parceria da Unesco e Instituto Mahatma Gandhi de Educação para a Paz e o Desenvolvimento Sustentável, aborda amplamente o conceito de *flourishing* na educação, que traduzimos, aqui, para *florescimento*, como etapa madura em que a árvore tem capacidade de produzir e dispersar sementes (é uma escolha intencional em lugar de *desabrochar*, que foca somente na abertura das pétalas).

“As crianças certamente precisam aprimorar sua inteligência, refinar suas capacidades de resolução de problemas e adquirir um conjunto de conhecimentos que lhes permita ter sucesso na vida. O que mais importa no final é o florescimento, para o benefício duplo de si mesmo e dos outros.”

“O verdadeiro foco da educação deve estar na construção do florescimento humano, em que os indivíduos adquirem competências para atingir objetivos, gerir emoções e demonstrar comportamento pró-social.”

Nandini Chatterjee Singh e Anantha Duraiappah (eds.). *Rethinking learning: a review of social and emotional learning frameworks for education systems*. Nova Delhi: UNESCO MGIEP, 2020. pp. v e 2. (Tradução nossa.)



CULTIVAR FUTUROS COM VISÃO SISTÊMICA: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO BILÍNGUE EM CURRÍCULOS INTEGRADOS

No âmbito das expectativas de aprendizagem, destacamos as **competências do século XXI**, que se organizam sobre 4 pilares principais: comunicação (expressar ideias), criatividade (pensar de forma não convencional), colaboração (trabalhar com outros) e pensamento crítico (analisar e solucionar problemas).

Cada pilar sustenta outro grupo de habilidades e todas se relacionam intimamente às **competências socioemocionais** que, por sua vez, são amplamente tipificadas e estudadas e também estão presentes na BNCC. O relatório da Unesco *"Aportes para la enseñanza de habilidades socioemocionales. Estudio Regional Comparativo y Explicativo (ERCE 2019)"* lista 6 modelos conceituais de habilidades socioemocionais (a seguir) e os organiza em uma tabela integradora que reproduzimos na sequência.

1. Modelo de aprendizagem socioemocional do projeto de colaboração para a aprendizagem acadêmica, social e emocional

CASEL, 1994

2. Habilidades para o século XXI

National Research Council dos Estados Unidos, 2012

3. Os cinco fatores

OCDE, 2016

4. Educação para a paz, cidadania mundial e aprendizagem socioemocional

Instituto Mahatma Gandhi Unesco, 2020

5. Habilidades para a vida

UNICEF, 2017

6. Habilidades transferíveis

UNICEF, 2019

UNESCO. *Aportes para la enseñanza de habilidades socioemocionales. Estudio Regional Comparativo y Explicativo (ERCE 2019)*. Santiago: Organización de las Naciones Unidas para la Educación, la Ciencia y la Cultura, 2024. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000388352>. Acesso em: 21 mar. 2026. pp. 11-15. (Tradução nossa.)

Integração dos modelos de habilidades socioemocionais

Cognitiva (Cognitivo)	Interpessoal (Instrumental e social)	Intrapessoal (Individual)
Abertura mental <ul style="list-style-type: none">• Curiosidade• Tolerância• Criatividade	Compromisso com outros <ul style="list-style-type: none">• Sociabilidade• Assertividade• Energia• Resolução de conflitos• Cooperação• Confiança	Regulação emocional <ul style="list-style-type: none">• Autogestão• Resistência ao stress• Otimismo• Autorregulação emocional• Foco na conquista• Automotivação
Tomada de decisão responsável <ul style="list-style-type: none">• Identificação de problemas• Avaliação• Responsabilidade ética• Pensamento crítico• Inovação	Consciência do entorno social <ul style="list-style-type: none">• Tomada de perspectiva• Empatia• Apreciação ou abertura à diversidade• Respeito por outros	Desempenho em tarefas <ul style="list-style-type: none">• Responsabilidade• Autocontrole• Persistência• Gestão de metas• Autoavaliação
	Comunicação <ul style="list-style-type: none">• Negociação• Gestão da rejeição• Trabalho em equipe• Persuasão• Estabelecimento e manutenção de redes de contato	Autoconsciência <ul style="list-style-type: none">• Identificação de emoções• Autoconfiança• Autoeficácia• Autopercepção• Consciência de si mesmo• Responsabilidade pelos próprios sentimentos

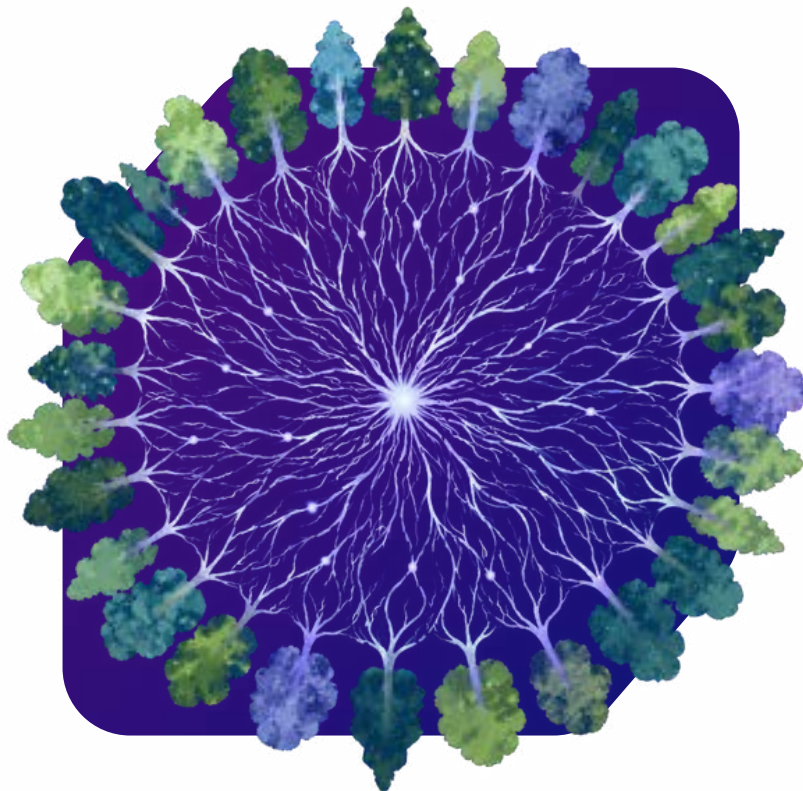
Ao promover o florescimento dos estudantes em competências, habilidades, atitudes e capacidades de saber conhecer, fazer, ser e conviver, como preconizam os pilares da educação segundo a Unesco, o ensino bilíngue se aproxima do objetivo de formar pessoas que fazem a diferença em suas vidas, em suas comunidades e no mundo.



CULTIVAR FUTUROS COM VISÃO SISTÊMICA: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO BILÍNGUE EM CURRÍCULOS INTEGRADOS

Cuidar de cada árvore e ver a floresta

Talvez você já tenha ouvido falar da teoria da **rede mundial de árvores** (*wood wide web*), segundo a qual as árvores de uma floresta estão interligadas por grupos de fungos que conectam as raízes e, através dessa rede subterrânea, ocorre um tipo de comunicação e fluxo de recursos arbóreos. Esse conceito teve origem em artigos científicos da ecóloga Suzanne Simard, e foi por ela confirmado no livro *A árvore-mãe: em busca da sabedoria da floresta* (Rio de Janeiro: Zahar, 2022). Conste que o achado provocou críticas e questionamentos no meio científico, mas o menciono aqui mais pela analogia com a natureza ecossistêmica da educação do que como verdade irrefutável. Explico-me adiante.



Peter Senge, engenheiro e PhD em gestão pelo MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts), é um estudioso de learning organization muito influente em administração e liderança. Uma de suas cinco disciplinas do aprendizado é o pensamento sistêmico e ficou famosa por suas publicações e pelo título do capítulo “Ver a floresta e as árvores”, do qual destacamos um fragmento que ilustra o conceito.

“Todos nós conhecemos a metáfora de sermos capazes de ‘nos distanciar’ o suficiente dos detalhes para ‘ver a floresta além das árvores’. Porém, infelizmente, muitos de nós, quando nos distanciamos, vemos apenas ‘muitas árvores’. Escolhemos uma ou duas favoritas e concentramos nelas nossa atenção e nossos esforços de mudança. Na verdade, a arte do pensamento sistêmico reside em ver além da complexidade dos detalhes, identificando as estruturas subjacentes que originam mudanças. O pensamento sistêmico não significa ignorar a complexidade de detalhes, mas organizá-la em uma história coerente que põe luz às causas do problema e em como ele pode ser remediado de forma efetiva.”

Peter M. Senge. *A quinta disciplina: a arte e a prática da organização que aprende*. Rio de Janeiro: Best Seller, 2013. 29. ed. pp. 218–221. (e-book)



CULTIVAR FUTUROS COM VISÃO SISTÊMICA: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO BILÍNGUE EM CURRÍCULOS INTEGRADOS

Senge explica as cinco disciplinas do aprendizado na sequência, em um fragmento de entrevista, e ousa propor que, embora tenham o foco em programas de aprendizagem voltados a profissionais, se aplicam também à escola como organismo vivo.

"Então, suas cinco disciplinas do aprendizado continuam as mesmas? O senhor pode explicá-las uma por uma?"

Essas cinco disciplinas são programas permanentes de estudo e prática que levam ao aprendizado organizacional e continuam as mesmas, porque o que importa é adquirir as capacidades fundamentais para organização.

A primeira disciplina é o domínio pessoal. Significa aprender a expandir as capacidades pessoais para obter os resultados desejados e criar um ambiente empresarial que estimule todos os participantes a alcançar as metas escolhidas.

A segunda disciplina, que chamo de modelos mentais, consiste em refletir, esclarecer continuamente e melhorar a imagem que cada um tem do mundo, a fim de verificar como moldar atos e decisões.

A terceira disciplina, visão compartilhada, é estimular o engajamento do grupo em relação ao futuro que se procura criar e elaborar os princípios e as diretrizes que permitirão que esse futuro seja alcançado.

A quarta disciplina, aprendizado em equipe, está em transformar as aptidões coletivas ligadas a pensamento e comunicação, de maneira que grupos de pessoas possam desenvolver inteligência e capacidades maiores do que a soma dos talentos individuais.

E finalmente a quinta disciplina, pensamento sistêmico, é criar uma forma de analisar e uma linguagem para descrever e compreender as forças e inter-relações que modelam o comportamento dos sistemas. É essa quinta disciplina que permite mudar os sistemas com maior eficácia e agir mais de acordo com os processos do mundo natural e econômico."

Kerler Chaves. Essência da organização que aprende, entrevista com Peter Senge. KCMS Software Intelligence. Julho-agosto 1998. Disponível em: <https://www.kcms.com.br/blog/essencia-da-organizacao-que-aprende-entrevista-com-peter-senge/> Acesso em: 21 mar. 2026.

Pense novamente na árvore do ensino bilíngue – fincada com firmeza no solo, com a copa frondosa e florida, farta em frutos, ramos e folhas voltados ao céu: purifica o ar, faz sombra, abriga pássaros, alimenta insetos, protege o solo. Mas uma árvore sozinha não faz uma floresta, assim como um componente curricular isolado não faz a educação. A educação se faz em rede, na troca, na interrelação.





APRENDIZAGENS QUE ATRAVESSAM A VIDA: TRANSVERSALIDADE COMO CAMINHO PARA O PROTAGONISMO

Por isso deixo o convite a cuidar, sim, do componente curricular Língua Inglesa, mas de enxergá-lo e operá-lo na inter/transdisciplinaridade da escola, promovendo uma rede de comunicação e intercâmbio frutífero para todas as áreas do conhecimento, professores e estudantes, ao aplicar os princípios dialógicos da BNCC, da ECG, do CLIL, das metodologias ativas, das competências socioemocionais e de outras referências pedagógicas integradoras. O ensino bilíngue tem forte potencial como iniciativa multidisciplinar, que faz florescerem competências para a vida, habilidades para o futuro e cidadania ativa, e quanto mais comunicação, conexão e integração houver entre os atores escolares, estudantes e famílias, mais e melhores frutos serão colhidos.

“Se quiser ter prosperidade por um ano, cultive grãos. Por dez, cultive árvores. Mas para ter sucesso por 100 anos, cultive gente.”

Confúcio (pensador, professor e filósofo chinês)

Para saber mais

- CHIMIM, Renata; CHAVES, Roberta G. **Alfabetização bilíngue: benefícios e mitos na formação de crianças bilíngues**. São Paulo: Editora BOC, 2022.
- CHIMIM, Renata; CONDI, Renata; CHAVES, Roberta (coord.). **Práticas na educação bilíngue: do Ensino Fundamental ao Ensino Médio**. São Paulo: Editora BOC, 2023.
- CONDI, Renata; CHIMIM, Renata; Chaves, Roberta (coord.). **Mais práticas na educação bilíngue: educação básica e formação de professores**. São Paulo: Editora BOC, 2023.
- MARSHALL, Claire. **WWW, a intricada rede de raízes, fungos e bactérias que interliga as plantas nas florestas**. BBC News Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-48310974>. Acesso em: 21 mar. 2026.
- MCBAIN, Sophie. **Interview 'My ideas are a little revolutionary': ecologista Suzanne Simard on intelligent forests, the climate and her critics**. The Guardian. Disponível em: <https://www.theguardian.com/environment/2026/mar/14/my-ideas-are-a-little-revolutionary-ecologist-suzanne-simard-on-intelligent-forests-the-climate-and-her-critics>. Acesso em: 21 mar. 2026.
- MEGALE, Antonieta (org.). **Desafios e práticas na educação bilíngue**. Volume 2. São Paulo: Fundação Santillana, 2020.
- NOGUEIRA, Viviane; CHAVES, Roberta (coord.). **Bilingual education: fundamentos e práticas**. São Paulo: Editora BOC, 2024.
- NOGUEIRA, Viviane; MAZALA, Diego; CHAVES, Roberta. (coord.). **Bilingual schools: uma jornada pela educação**. São Paulo: Editora BOC, 2023.
- SM EDUCAÇÃO. **Projeto bilíngue: três metodologias para potencializar o ensino de inglês. A educação nos move: o blog da SM Educação**. Disponível em: <https://www.smeducao.com.br/projeto-bilingue-tres-metodologias-para-potencializar-o-ensino-de-ingles/>. Acesso em: 21 mar. 2026.
- UCAR. **Tree Rings and Climate**. UCAR Center for Science Education. Disponível em: <https://scied.ucar.edu/learning-zone/how-climate-works/tree-rings-and-climate>. Acesso em: 21 mar. 2026.
- UNESCO. **Educação para a cidadania global: a abordagem da UNESCO**. Brasília: UNESCO, 2015. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000371292>. Acesso em: 21 mar. 2026.
- UNESCO. **Educação para a cidadania global: preparando alunos para os desafios do século XXI**. Brasília: UNESCO, 2015. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000234311>. Acesso em: 21 mar. 2026.

Conheça o autor



Adriana Feitosa

Editora executiva
UDP bilingual program
SM Educação

Venho da educação pública e sou licenciada em Letras pela Universidade de São Paulo, especialista em Tradução pela Universidade Gama Filho, proficiente em espanhol (DELE-C2) a partir da faculdade e fluente em inglês (CAE-C1) por meio de cursos livres. Atualmente curso MBA em Gestão de Projetos pela USP/Esalq.

Sou movida por paixão: pela comunicação, pela educação e pela tecnologia. Há 25 anos na área educacional e editorial, trago na minha bagagem atuações ao mesmo tempo diversas e complementares que me permitiram vivenciar profundamente os processos editoriais, contribuir para a implantação de soluções educacionais em colégios, e conhecer de perto os desafios dos professores de idiomas.

Acredito em pessoas, princípios, paixões e partilha e no poder do pensamento crítico, sistêmico, estratégico e processual para (re)organizar o mundo.

Hoje coordeno a produção editorial das soluções educacionais de língua inglesa UDP bilingual program, na SM Educação.